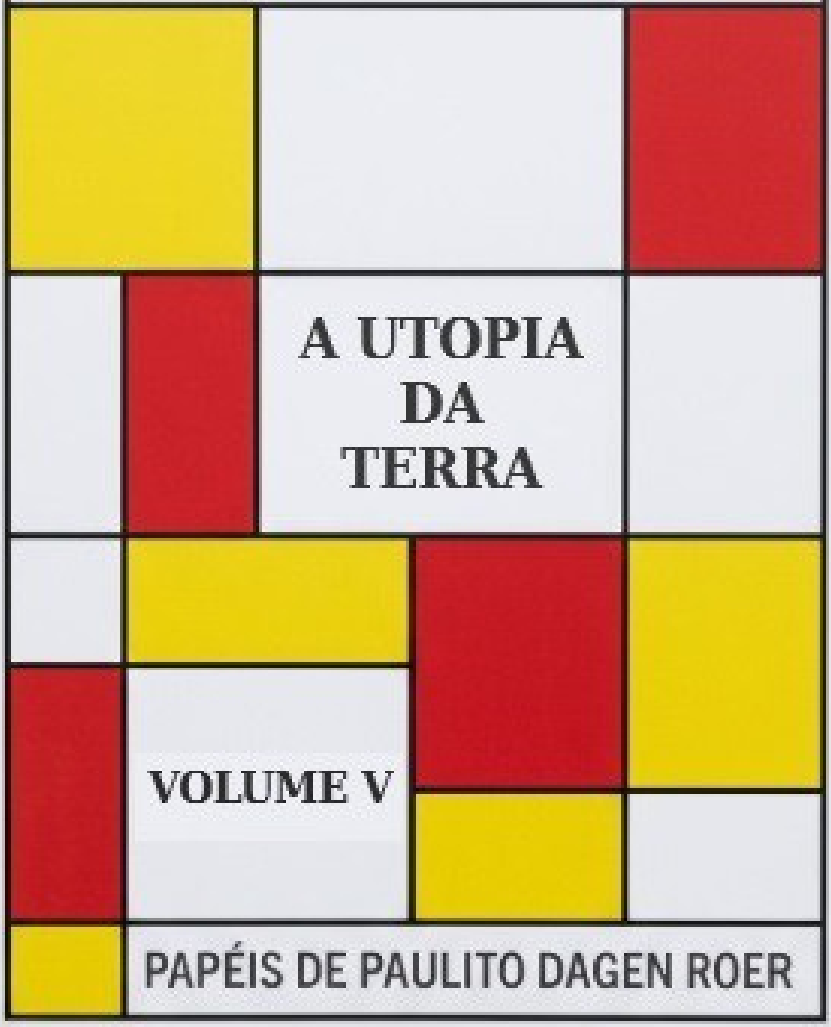
ORGANIZAÇÃO E NARRATIVA DA CURADORIA



A UTOPIA DA TERRA

VOLUME V

PAPÉIS DE PAULITO DAGEN ROER

A Utopia da Terra
Papéis de Paulito Dagen Roer

ORGANIZAÇÃO E NARRATIVA DA CURADORA
VOLUME V

2026

SUMÁRIO

Nota da Curadora:
O Retorno ao Barro

- *Prólogo:*
  O Chão Antes do Asfalto
- *Módulo I: A Memória das Pedras ..... Págs. 1-9*
- *I. O Cascalho do Rio Seco*
- *II. A Poeira Vermelha da Estrada*
- *III. O Bloco de Granito Inabalável*
- *IV. A Argila que Guarda o Desenho da Chuva*
- *Módulo II: Vozes do Sopro Telúrico ..... Págs. 11.-19*
- *V. O Vento que Dobra a Copa das Árvores*
- *VI. A Semente que Rompe a Casca no Escuro*
- *VII. O Orvalho que Alimenta a Raiz*
- *VIII. O Eco do Trovão Distante*
- *Módulo III: Diários da Ancestralidade ..... Págs. 21-29*
- *IX. O Passo Humilde sobre a Grama*
- *X. A Fogueira que Reduz a Madeira ao Osso*
- *XI. O Horizonte que Não Se Deixa Cercar*
- *XII. O Ritmo Manso das Estações*
- *Módulo IV: O Adiamento do Fim ..... Págs. 31-35*
- *XIII. A Esperança Costurada à Mão*
- *XIV. A Terra que Sobrevive ao Homem*
- *Epílogo: O Silêncio do Arquivo ..... Págs. 37*

NOTA DA CURADORA: O RETORNO AO BARRO

Ao organizar este quinto e último lote de papéis de Paulito Dagen Roer, percebi que a jornada de escrita alcançou a sua conclusão lógica. Se começamos pelo osso da matéria, passamos pelos desvios urbanos, catalogamos os escombros do afeto e descascamos as engrenagens da mente, em A Utopia da Terra Roer retorna para o solo. A escrita aqui perde qualquer vestígio de pressa contemporânea e assume o tempo geológico das pedras.

Minha função como Curadora e Narradora foi consolidar esse sopro telúrico.

Limpei as últimas margens e certifiquei-me de que o português mantivesse a densidade orgânica desses textos finais. Não há aqui espaço para o desespero apocalíptico da modernidade. Roer olhava para a terra não como um recurso a ser consumido, mas como o fundamento que nos sustenta e que continuará existindo muito depois que o último editor de texto se calar. Salvei estas páginas para que elas funcionem como um porto de abrigo para o leitor.
— A Curadora.

PRÓLOGO: O CHÃO ANTES DO ASFALTO

No fundo do último baú de Paulito Dagen Roer, havia uma folha de papel pardo, grossa e áspera, onde se lia a seguinte formulação inquietante: "O asfalto é apenas uma casca fina e provisória que os homens esticaram sobre o mundo para esquecerem que o barro de onde vieram continua vivo, respirando e esperando debaixo das solas dos seus sapatos."

Como curadora, entendi que a possibilidade de leitura deste encerramento exige uma desaceleração radical do olho.

É preciso aceitar que o chão tem uma memória muito mais longa do que a nossa biografia. Observar a condição das coisas sob o viés telúrico de Roer é um ato de renúncia da arrogância urbana. O livro começa aqui, no milímetro exato onde o concreto racha e a primeira folha de tiririca aponta em direção ao sol, adiando o fim do mundo por mais um dia.

MÓDULO I: A MEMÓRIA DAS PEDRAS

I. O Cascalho do Rio Seco

Pequenos fragmentos de rocha arredondados pela insistência da correnteza que passou por ali durante séculos. Hoje, o leito está vazio, mas as pedras guardam a forma exata da água.

Sua condição é a do testemunho mudo. Elas não lamentam a seca; elas esperam. Sabem que o rio é um movimento cíclico e que a umidade voltará a cobrir seus corpos cinzentos. Sua verdade definitiva é a paciência mineral que os humanos nunca conseguiram aprender.

II. A Poeira Vermelha da Estrada

Ela levanta com o sopro do vento e cobre as folhas de poejo na beira do caminho. É a terra desfeita em partículas infinitesimais, flutuando sem peso antes de pousar novamente sobre o chão.

A poeira da estrada é o arquivo da marcha. Ela gruda na botina do caminhante e viaja com ele, borrando as fronteiras entre o homem e a paisagem. Olhar para ela é ver a matéria do mundo se desfazendo para poder se reconstruir mais adiante.

III. O Bloco de Granito Inabalável

Metade do seu corpo está enterrada na encosta do morro; a outra metade recebe o impacto direto do sol e da geada de julho.

O granito não negocia com o clima. Ele aceita a erosão com a dignidade de quem mede o tempo em milênios. Sua utilidade é inexistente para o comércio; sua força poética está na recusa em se mover para abrir espaço para a pressa das máquinas. É a ancoragem do morro.

IV. A Argila que Guarda o Desenho da Chuva

O barro macio na beira do açude secou sob o sol do meio-dia, congelando as marcas redondas deixadas pelas últimas gotas da tempestade da noite anterior.

A argila funciona como a pele da terra. Ela registra a violência do céu com doçura, transformando o impacto da água em uma escultura geométrica provisória. Escrever sobre ela é aceitar que as marcas mais profundas são feitas na matéria que cede.

MÓDULO II: VOZES DO SOPRO TELÚRICO

V. O Vento que Dobra a Copa das Árvores

Não podemos ver o ar, mas a curva que o galho do ipê faz em direção ao norte revela a força invisível que cruza a propriedade.

O vento é o pensamento do espaço. Ele limpa a atmosfera, espalha os polens e avisa os animais de que o tempo vai mudar. Escutar o barulho do sopro entre as folhas à noite é perceber que a terra respira de forma coletiva, usando os pulmões de toda a vegetação.

VI. A Semente que Rompe a Casca no Escuro

Dois centímetros abaixo da superfície, um grão de milho decide expandir-se contra a pressão da terra preta que o esmaga.

O nascimento é uma utopia mecânica violenta. A semente aceita apodrecer a sua própria forma exterior para que o broto verde consiga rasgar o escuro e tatear a luz. A força que move a raiz para baixo é o fundamento de toda a arquitetura viva do mundo.

VII. O Orvalho que Alimenta a Raiz

A névoa da madrugada condensa na ponta da folha e cai como uma gota límpida exatamente sobre o colo da planta, onde a terra está mais seca.

O orvalho é a partilha mansa da umidade. Ele não faz o barulho da tempestade; ele opera no silêncio absoluto do amanhecer, garantindo a sobrevivência do micro cosmos que habita o rés do chão. Olhar para ele é entender que a vida se sustenta nas pequenas frestas do acaso.

VIII. O Eco do Trovão Distante

O som grave rasga o céu por trás da cordilheira, fazendo vibrar o vidro da janela da fazenda dez segundos antes da primeira gota cair.

O trovão é a fala mais alta da atmosfera. Ele desorganiza a calmaria da tarde e introduz a eletricidade do medo nos corpos. Roer anota: o barulho do céu nos lembra da nossa pequenez biológica diante das forças ancestrais que gerenciam o planeta.

MÓDULO III: DIÁRIOS DA ANCESTRALIDADE

IX. O Passo Humilde sobre a Grama

O pé descalço afunda três milímetros no tapete verde de tiririca, sentindo a umidade gelada do solo diretamente na sola.

Caminhar sem o sapato é restabelecer o pacto elétrico com a terra. O corpo descarrega as suas tensões urbanas e absorve a estabilidade do barro. A Curadora nota: o passo telúrico não deixa cicatrizes no chão; ele apenas agradece a licença de poder transitar sobre o corpo do mundo.

X. A Fogueira que Reduz a Madeira ao Osso

A brasa vermelha consome o nó de pinho na escuridão do quintal, transformando a solidez do tronco em fumaça cinzenta e cinza clara.

O fogo é o grande simplificador da matéria. Ele retira o excesso e devolve a madeira ao seu fundamento mineral. Sentar-se ao redor dele exige o silêncio da contemplação: as chamas desenham formas efêmeras que lembram os humanos de sua própria condição de passagem pela terra.

XI. O Horizonte que Não Se Deixa Cercar

Por mais que os fazendeiros estiquem as linhas de arame farpado entre os palanques de aroeira, o olho continua cruzando as divisórias até tocar o céu.

O horizonte é a utopia da liberdade visual. Ele recusa o sentido jurídico da propriedade privada. Pertencer à terra é o oposto de ser dono dela. Roer sabia que os mapas dividem o solo, mas a paisagem real permanece inteira e indivisível sob a nossa mirada.

XII. O Ritmo Manso das Estações

A paineira perde todas as suas folhas em maio para poder florescer em agosto, sem pressa, respeitando a temperatura exata que o vento traz do sul.

A natureza não conhece a ansiedade do relógio. Ela opera na duração larga dos ciclos biológicos. Estar alinhado com esse ritmo exige aceitar as nossas próprias renúncias de inverno, sabendo que o recolhimento na gaveta é a primeira condição para o recomeço da primavera.

MÓDULO IV: O ADIAMENTO DO FIM

XIII. A Espera Costurada à Mão

Um punhado de sementes guardado dentro de um saquinho de pano cru, amarrado com barbante de sisal e pendurado no caibro do telhado do galpão.

O saquinho de sementes é a resistência comunitária contra o desastre. Ele guarda a possibilidade do recomeço para o próximo ano. Guardá-lo é um ato de afeto político: uma recusa em aceitar a escassez e uma aposta intransigente na fertilidade futura da terra após a passagem da seca.

XIV. A Terra que Sobrevive ao Homem

Se abandonarmos uma casa de alvenaria por dez anos, o mato racha o piso, a trepadeira engole as paredes e o musgo cobre o teto de telhas cerâmicas.

A terra sempre reconquista o seu espaço. A arquitetura humana é apenas uma interrupção temporária da ecologia. A verdade definitiva deste quinto volume é que o planeta não precisa ser salvo por nós; somos nós que precisamos aprender a habitar o seu corpo antes que ele decida nos expelir.

EPÍLOGO:
O SILÊNCIO DO ARQUIVO COMPLETO

Terminado este quinto volume, a coleção de papéis de Paulito Dagen Roer fecha o seu círculo na biblioteca. O inventário da matéria encontrou a sua conclusão na calçada rachada, as geografias pararam na última esquina da avenida e as renúncias aceitaram o silêncio do solo.

A escrita da Curadora se despede aqui. Não há mais páginas na pasta, não há mais rasgos para limpar ou linhas para endireitar.

A verdade definitiva de toda esta jornada literária não está guardada nos servidores digitais do Archive, mas na sua disposição de fechar o editor de texto, levantar-se da cadeira de palha e dar o primeiro passo firme com os pés descalços sobre a terra úmida do seu próprio quintal. O arquivo está completo. O silêncio começou.

ORGANIZAÇÃO E NARRATIVA DA CURADORIA

"A escrita não resolve os paradoxos da mente; ela apenas documenta a dignidade da nossa insistência em buscar um fundamento."

PAPÉIS DE PAULITO DAGEN ROER